

Resumo de Políticas

Para a equidade linguística na investigação em ciências da saúde em África

Aaron N. Yarmoshuk, Faculdade de Saúde Pública Dalla Lana, Universidade de Toronto (Canadá)

Doreen Mloka, Universidade Muhimbili de Saúde e Ciências Afins (Tanzânia)

Vandana Sharma, Faculdade de Saúde Pública T.H. Chan, Universidade de Harvard (Estados Unidos da América)

Souan Fidèle Touré, Universidade Alassane Ouattara (Costa do Marfim)

Samuel Wanji, Universidade de Buéa e REFOTDE (Camarões)

Traduzido do inglês por Madalena Lobo Antunes (Portugal)

Maio 2021

O Desafio

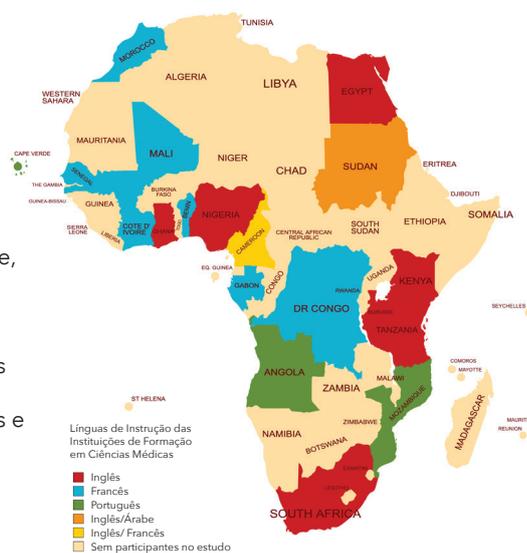
Apesar de existirem mais de 2000 línguas vivas em África, são maioritariamente quatro as línguas de trabalho da Organização Mundial de Saúde (WHO) no continente. Todavia, o inglês é a língua dominante da ciência no mundo. É requerida aos investigadores uma quase fluência na oralidade, na escrita e na leitura de modo a poderem participar na disseminação deste discurso científico mais abrangente. A incapacidade de cumprir este padrão limita o desenvolvimento da carreira científica e a influência individual dos investigadores africanos. Esta condição apresenta-se como uma barreira à produção científica de muitos investigadores em ciências da saúde de países africanos que afirmam ter o inglês como segunda, terceira ou quarta língua. O que poderão fazer indivíduos, instituições, governos e financiadores para ajudar a dar resposta a este desafio?

Línguas das Revistas	Percentagem de revistas médicas e de saúde publicadas mundialmente em cada língua de trabalho da WHO em África	Percentagem de revistas médicas e de saúde publicadas em África em cada língua de entre as 4 línguas de trabalho da WHO em África
Inglês	94.22%	91.13%
Francês	3.58%	6.45%
Português	1.99%	0.27%
Árabe	0.21%	2.15%
Total	100.00%	100.00%

Fonte: Ulrichsweb: Global Serials Directory - <https://www.ulrichsweb.com/> (accessed: 2021-04-19).

A Metodologia

Os resultados e as recomendações apresentadas neste Resumo de Políticas são fruto da análise de dados: a) de 95 artigos científicos, com revisão por pares, e outra literatura; b) de entrevistas e questionários preenchidos por 48 investigadores na área das ciências da saúde, mas também de outras partes interessadas, de 18 países do continente africano; e (c) de questionários preenchidos por 16 representantes de organizações em 6 países não africanos que trabalham no apoio ao reforço de competências dos investigadores e das instituições de investigação em África.



Resultados Principais

O inglês é a língua dominante na investigação em ciências da saúde em África, contudo, o francês e o português são línguas importantes em contexto académico, e o árabe o suaíli e centenas de línguas indígenas são cruciais para a comunicação eficaz nos serviços de saúde, na prestação de serviços e na recolha de dados no continente.

O inglês é uma barreira linguística ao desenvolvimento e avanço profissional dos investigadores em ciências da saúde que não sejam fluentes na leitura, escrita e/ou oralidade da língua.

Existem barreiras não linguísticas que se entrecruzam com as barreiras linguísticas, como o género, as condições financeiras e barreiras ligadas à regulamentação institucional que contribuem para as desigualdades estruturais dentro dos sistemas de investigação em ciências da saúde.

A inclusão de cursos intensivos de escrita e pensamento crítico nos programas curriculares já existentes em universidades africanas é uma abordagem com potencial que parece mostrar-se promissora, eficaz e expansível.

Os líderes e mentores africanos e não africanos têm um papel preponderante na abordagem às barreiras linguísticas ao organizarem equipas e projetos de investigação tendo essas barreiras em mente.

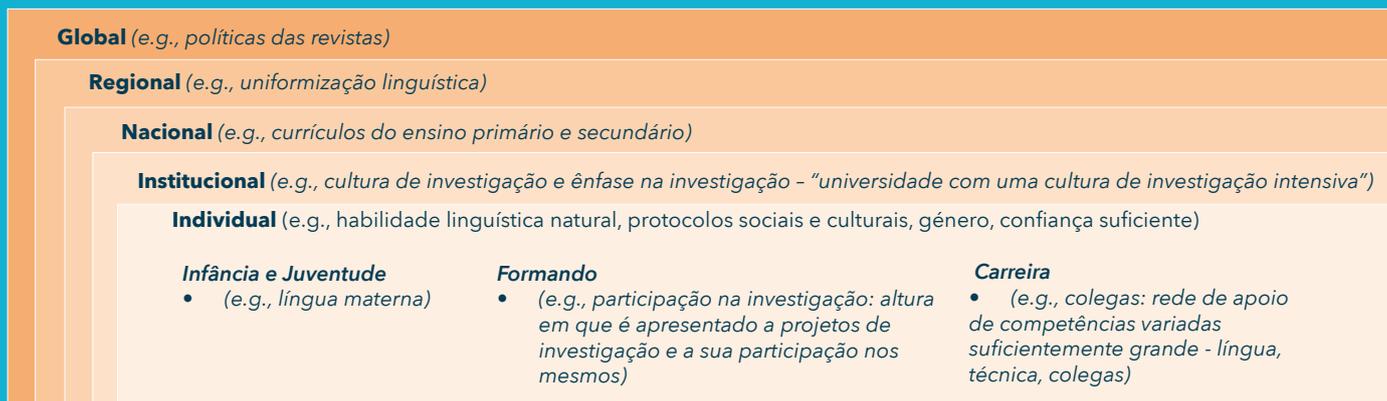
As políticas e sistemas institucionais exacerbam as barreiras linguísticas preexistentes que os indivíduos enfrentam e reforçam outras desigualdades estruturais; por exemplo, ao incentivarem poucas propostas em línguas que não o inglês e ao desconsiderarem as desigualdades de género em processos de progressão profissional.



Esta investigação foi financiada pela Wellcome

Para mais detalhes e acesso ao relatório completo: www.hppafrica.org

Fatores que influenciam a equidade linguística na investigação em ciências da saúde em África



Poderão ser dados passos e apoiadas ações nestes cinco patamares (global, regional, nacional, institucional e individual) como apontado na imagem acima. Deverá considerar-se duas categorias de indivíduos. O primeiro grupo comporta formandos, jovens investigadores e investigadores que se defrontem com a barreira criada pelo domínio da língua inglesa enquanto língua predominante da investigação científica. Deste grupo espera-se algum investimento pessoal de tempo e acesso a recursos na sua formação e desenvolvimento de competências linguísticas e de investigação. O segundo grupo é composto por investigadores líderes de equipas e projetos (por exemplo, principal investigators) cujo papel é apoiar e treinar os investigadores mais jovens e em início de carreira, sob sua tutela nos seus grupos de investigação, e tendo em vista projetos específicos. Estes poderão incluir investigadores não falantes de inglês, mas com competências adequadas aos projetos, nas suas equipas, e atribuir financiamento desses projetos para formação e serviços linguísticos, estimulando desta forma a participação de todos, como seja através da contratação de serviços de tradução. Ainda que o indivíduo possa fazer bastante para ajudar-se a si mesmo a adquirir a fluência necessária em língua inglesa para ler, escrever, e falar ao nível requerido para conseguir ser bem sucedido no Ensino Superior, na investigação académica e na publicação de artigos científicos; só através de iniciativas direcionadas ao reforço da capacidade das instituições de investigação científica em África, orientadas especificamente à resolução de barreiras sistémicas, é que se prevê conseguir alcançar resultados a um escala maior. De seguida, enumeramos cinco recomendações principais para financiadores que pretendam apoiar a equidade linguística para efeitos de investigação em ciências da saúde em África.

Recomendações principais

#1 - Sugere-se a institucionalização de cursos intensivos de escrita e de serviços de apoio à escrita e formação em comunicação de ciência

As universidades precisam de assegurar que os seus estudantes graduados tenham as suas capacidades de língua, escrita e pensamento crítico adequadamente desenvolvidas; incluindo competências linguísticas ao nível da formulação de hipóteses de análise, métodos de pesquisa e conhecimento do vocabulário técnico, assim como de leitura, escrita e na oralidade, seja qual for a língua de instrução (árabe, inglês, francês ou português). Recomenda-se fortemente que a formação intensiva na escrita seja integrada nos currículos já existentes de forma a encorajar o desenvolvimento destas competências. Estas iniciativas poderão ser complementadas com workshops extracurriculares e cursos intensivos de curta duração e ainda através da implementação de centros de escrita, onde poderá ser oferecido aconselhamento individual, por parte de profissionais especializados, e apoio de pares, para além de recursos adicionais. Soluções virtuais poderão complementar atividades presenciais nas universidades, ainda que deverão ser as universidades a apoiar os alunos com menos possibilidades económicas com os meios necessários para o acesso virtual.

#2 - Aconselham-se os financiadores a apoiar intercâmbios, no local e a distância, entre funcionários que prestem apoio à escrita

Os métodos e tipos de serviços de apoio à escrita académica variam muito dentro do continente africano. Os financiadores poderão apoiar a partilha de boas práticas, a discussão dos desafios enfrentados e o desenvolvimento de competências, entre os responsáveis pelos centros de apoio à escrita, nas universidades e outras instituições, em intercâmbios dentro e entre países africanos e entre instituições africanas e não africanas, na língua escolhida por cada instituição.

#3 - As universidades poderão aumentar o papel dos projetos de investigação dentro dos currículos

É importante que os estudantes tenham oportunidades suficientes para acederem à experiência direta no desenvolvimento e na implementação de projetos de investigação na sua primeira graduação. Aos estudantes ao nível da primeira graduação poderá ser pedido que executem um projeto de investigação, como parte dos requisitos do currículo do curso, para que possam ter experiência prática no uso de linguagem académica e em métodos de pesquisa, independentemente da(s) língua(s) de ensino de cada instituição.

#4 - Recomenda-se o apoio da parte de financiadores a interações diretas entre investigadores não falantes de inglês em início de carreira e investigadores falantes de inglês

A melhor forma de aprendermos uma língua é estarmos imersos no seu contexto. Investigadores em início de carreira não falantes de inglês deverão conduzir investigação numa instituição inglesa, em contextos de comunidades falantes de inglês ou no quadro de equipas de investigação compostas maioritariamente por falantes de inglês. Grupos de investigação multilinguísticos deverão ser também encorajados. Sugere-se que os financiadores apoiem intercâmbios recíprocos multilaterais e bilaterais.

#5 - As instituições e os financiadores deverão considerar as suas próprias políticas e procedimentos que contribuem para a criação de barreiras linguísticas e outras que se entrecruzam

Instituições e financiadores precisam de criar contextos favoráveis que facilitem a transposição de barreiras linguísticas por parte dos indivíduos, assim como devem assumir o compromisso de considerar as desigualdades nos seus próprios processos; por exemplo, olhando para os pedidos de propostas através da lente da equidade.